

1. Questões e justificativas para a pesquisa

Por meio da pesquisa que resultou na dissertação de Mestrado intitulada *Sobre o que é ser escritor no discurso de Ana Maria Machado*, quisemos compreender como uma representante da literatura infantil e infanto-juvenil, que escreve tanto para crianças quanto para adolescentes, Ana Maria Machado, projeta-se como escritora. Mais especificamente, analisamos, no discurso produzido pela escritora, alguns traços que estão associados à figura do escritor em nossa sociedade atual. Afinal, o que ela afirma quando narra a respeito da sua trajetória de formação enquanto leitora e escritora, sobre os aspectos da sua profissão e do seu processo de escrita literária?

Optamos por analisar o discurso do que é ser escritor, no caso de Machado, primeiramente, pelo fato de na história dos escritores, a crítica ter feito leituras e discussões sobre as obras literárias, a estrutura narrativa de tais obras e o momento sociocultural da época em que foram escritas, do que sobre o discurso que o escritor pratica e constrói para elaborar a sua auto-imagem. Ou seja, houve foco grande em aspectos de natureza literária, lingüística, narrativa, histórica, mas muito pequeno na representação que o escritor pode fazer de si mesmo. Para o estudo das obras, pouco interesse era dedicado à vida pessoal e profissional do escritor, ou ao que ele tinha a dizer sobre seu processo de escrita e criação. Raramente, esses aspectos eram abordados diante do público. Às vezes, os escritores tinham entrevistas publicadas, contavam com informações pontuais nas orelhas dos livros, eram fotografados, tinham encontros com leitores, mas nada muito significativo ou que viesse a exigir um trabalho mais intenso por parte dos estudiosos.

O segundo motivo para a análise do discurso de uma escritora da literatura infanto-juvenil, baseou-se no fato de os escritores desse gênero literário aderirem muito mais à exposição, à exibição de uma imagem bem cuidada a respeito da sua projeção enquanto escritor. Dentre os vários escritores que pesquisamos na internet¹, Ana Maria Machado foi a que mais se aproximou do que procurávamos: uma escritora em atividade, que tivesse um número significativo de obras e contasse o que pensa sobre sua trajetória de escritora nos dias de hoje. Ela, além de contar com propagandas em livros, catálogos de editoras, entrevistas, fotografias, reportagens, divulgação em *websites*, livros sobre assuntos diversos, escreveu material autobiográfico relevante para o entendimento do que buscávamos. Através da análise desse material, ela, geralmente, apresenta-se e emprega o discurso da escritora premiada, com muitas obras publicadas, que valoriza sua profissão e é reconhecida e respeitada por aquilo que produz. A partir desses dados, decidimos que essa pesquisa seria realizada com base na análise de uma série de discursos propostos por ela. Lidar com esses discursos seria relevante para

¹Fizemos levantamento da relação dos escritores desse gênero através do site de busca Google e encontramos o endereço http://br.dir.yahoo.com/artes_e_cultura/literatura/autores/Infanto_juvenil, em que nos foi possível elencar 26 websites usados para a divulgação e a apresentação dos escritores cuja produção e atuação concentram-se na área infantil e/ou juvenil.

o trabalho, uma vez que apontam entendimentos para a figura do escritor. Este que, segundo Roger Chartier (1994), em vários momentos da história do livro, dos estudos literários e dos leitores, teve sua vida pessoal e profissional esquecida:

Na tradição da história social da impressão, tal como ela se desenvolveu na França, os livros têm leitores, mas não têm escritores (...). Eles pertencem, com exclusividade, à história literária e aos seus gêneros clássicos: a biografia, o estudo de uma escola ou de uma corrente, a descrição de um meio intelectual (CHARTIER, 1994, p. 34).

O historiador francês defende que a história do livro, quer ignore o escritor ou o deixe a cargo de outros especialistas, tem sido praticada como se o escritor e a história dos produtores de textos fossem irrelevantes para as técnicas e descobertas, ou como se tais envolvidos fossem destituídos de qualquer importância para a compreensão das obras.

Em vários momentos na história do livro e da literatura, conforme propõe Chartier, “a crítica literária quis reinscrever as obras em sua própria história” (p. 34) através de formas diversas, mas que continuaram a entender o escritor como alguém secundário.

Frente às várias abordagens que permitiram o reaparecimento do escritor, Roger Chartier chama a atenção para a importância do que enuncia o filósofo Michel Foucault (2001), em seu livro *O que é um autor?* Foucault propõe que, para textos manuscritos, a referência e o reconhecimento do escritor, não como personagem mítico ou figura sacralizada e sacralizante, funcionam desde a época medieval. Já para Chartier, a hipótese segundo a qual o nome do escritor estava ligado aos textos “científicos”, enquanto às produções “literárias” estaria reservado o estatuto do anonimato, é menos aceitável. O historiador francês afirma que há uma distinção fundamental entre os textos antigos que, seja qual for o gênero, tinham sua legitimidade garantida na atribuição a um nome próprio (Aristóteles, Cícero), e as obras em língua vulgar para as quais o tipo de texto e o discurso desenvolvido constituem-se em torno de algumas “grandes figuras literárias”, como Dante, Petrarca, Boccaccio. Chartier propõe, nesse sentido, que a trajetória do escritor pode ser pensada como a progressiva atribuição aos textos em língua vulgar de um princípio de designação e de eleição que, durante muito tempo, só caracterizou as obras referidas a uma *auctoritas* antiga, transformada em *corpus*, insistentemente, citados, glosados e comentados.

Apesar de todas as discussões e divergências², Chartier sublinha que a figura do escritor está “no centro de todos os questionamentos que ligam o estudo da produção de textos ao de suas formas e seus leitores” (CHARTIER, 1994, p. 58).

²Divergências que, inclusive, aparecem quanto às diferenças conceituais entre a noção de autor e a de escritor. Sabemos que esta designa o indivíduo que escreve, enquanto que aquela está revestida de traços históricos variáveis que têm ligação com o modo como são vistos e considerados os diversos discursos em diferentes épocas em cada sociedade. Por exemplo, não se constrói uma figura de poeta como se constrói uma de filósofo ou de cientista. Ao lado dessa noção, o autor também pode ser concebido como “fundador de discursividade”, tais como Freud e Marx. Estes se caracterizam não só por serem os autores de suas obras, mas também por terem produzido “a possibilidade e a regra de produção de outros textos”. Porém, neste trabalho, estamos criando uma identificação entre os termos, uma vez que Machado, enquanto escritora, é aquela que escreve, mas também a que se apresenta publicamente como responsável pelo texto que produz, ou seja, compromete-se profundamente com a linguagem.

2. Procedimentos

Apresentados os objetivos e dadas as justificativas, para o desenrolar do trabalho fizemos de nossa primeira fonte de pesquisa o *web site* pessoal, www.anamariamachado.com.br, da escritora. Através dele, realizamos o levantamento dos livros de autoria de Machado a fim de selecionarmos, para consulta, aqueles que trouxessem elementos relevantes para entendermos o que ela enunciaria a respeito do que é ser escritor na atualidade.

Inicialmente, deparamo-nos com vários títulos. Não sabíamos se eram de natureza autobiográfica ou não, pois não estava especificado o gênero ao qual pertenciam. Através dos resumos e textos da quarta página, encontramos onze obras³ que, aparentemente, tinham natureza autobiográfica. A natureza desse material era bem diversificada, uma vez que tínhamos *corpus* autobiográfico junto com pontos de vista diversos a respeito de assuntos como o significado da literatura no mundo de hoje, a importância da leitura na escola, o processo da escrita escolar, a relevância da leitura na formação de professores etc.

Os aspectos autobiográficos a respeito de como se tornou escritora, sua trajetória pessoal enquanto escritora, seu processo de criação literária, a profissionalização do escritor no Brasil apareceram em muitos capítulos e acabaram se repetindo de um livro para outro. Após essa primeira sondagem, recortamos apenas os enunciados que propuseram indícios, pistas para a composição da imagem do escritor na atualidade. Além da seleção das onze obras, infantis e não-infantis, de autoria de Machado, a leitura de algumas entrevistas pessoais e publicações de pesquisadores⁴ a respeito do trabalho da escritora foi realizada.

Dentre os onze livros de autoria de Ana Maria Machado, quatro atenderam ao objetivo inicial: *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*; *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*; *Esta força estranha – trajetória de uma autora* e *Texturas – sobre leituras e escritos*. Dos livros organizados por pesquisadores da área da literatura, apenas *Teia de Autores*, de Tânia Dauster e Pedro Benjamin Garcia, atendeu nossas necessidades, uma vez que trazia uma entrevista com Machado. Não podemos deixar de ressaltar os textos de autoria da escritora que estão disponíveis em seu *site* pessoal. Especial atenção foi conferida aos textos autobiográficos que se encontram no **link Caderno de Notas – Informações e curiosidades sobre Ana**. Tais textos foram escritos por Ana Maria Machado especificamente para o *site* ou eram compilações de trechos do livro *Esta força estranha – trajetória de uma autora*.

Após o levantamento bibliográfico e a organização dos enunciados de acordo com as imagens/representações⁵ veiculadas nos enunciados de

³*Tropical sol da liberdade*; *Aos quatro ventos*; *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*; *Texturas: sobre leituras e escritos*; *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*; *Esta força estranha – trajetória de uma autora*; *O menino que virou escritor*; *Bisa Bia. Bisa Bel*; *De olho nas penas*; *Isso ninguém me tira*; *Uma vontade louca*.

⁴Ana Maria Machado: *seleção de textos, notas, estudos biográficos*, de Marisa Lajolo; *Teia de Autores*, de Tania Dauster e Pedro Benjamin Garcia, e *Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*, de Maria Teresa Gonçalves Pereira e Benedito Antunes.

⁵O conceito de imagem/representação apareceu-nos ao percebermos que há um conjunto de traços, aspectos, marcas representativas, palavras ou modos de dizer de um ser, uma instituição ou uma coisa que subjaz no imaginário social da sociedade em que o sujeito está inserido. Ou seja, Ana Maria Machado, através de suas posições discursivas, constrói imagens/representações que não são criações abstratas, neutras, nem deturpações do olhar que vê um real verdadeiro e único, mas instrumentos de mediação, interpretações do próprio

Machado, fizemos a leitura dos excertos e percebemos que havia no seu discurso autobiográfico a projeção não apenas do que é ser escritor, mas de como é a trajetória de formação desse sujeito. Ao realizar esse discurso, a escritora não o pronuncia do nada, aleatoriamente, arbitrariamente. Ana Maria Machado é um sujeito que constrói a imagem da escritora através de esquemas intelectuais – conforme denominação de Chartier (1990) – profundamente incorporados pelos sujeitos em suas práticas e usos sociais que criam figuras com as quais o mundo presente pode adquirir sentido, o outro se torna inteligível e o espaço, decifrado. São categorias variáveis, em diferentes tempos e locais, mas intimamente estáveis e partilhadas pelos componentes de cada grupo, de determinada comunidade.

Ou seja, Machado, apropriando-se de Bakhtin (1997), situa-se no imaginário social de sua época e responde por e para ele:

(...) no discurso, seja ele de qual natureza for, o “eu” não pode ser solitário, sozinho, pois só pode ter vida real em um universo povoado por uma multiplicidade de sujeitos interdependentes e isônomos. Eu me projeto no outro que também se projeta em mim, nossa comunicação dialógica requer que meu reflexo se projete nele e o dele em mim, que afirmemos um para o outro a existência de duas multiplicidades de “eu”, de duas multiplicidades de infinitos que convivem e dialogam (BAKHTIN, 1997, p. 200).

Se em vários momentos de seu discurso, como veremos mais adiante, ela valoriza extremamente a leitura de livros desde muito cedo, isso é fruto do ideal de formação que defendemos. Caso Machado vivesse em uma sociedade outra, que tivesse outros valores, em um tempo em que a leitura não fosse tão importante, ela não poderia assumir as posições discursivas⁶ que apresenta. Ela tem o lado histórico internalizado, aquele que vigora no mundo nosso de hoje: com campanhas de incentivo à leitura, com a valorização da cultura clássica letrada. Além de veicular uma determinada representação para o escritor, Machado constrói algo que dialoga com o social mais amplo, com as questões que são do nosso tempo.

Entender esse discurso exigiu que explorássemos alguns conceitos-chaves da filosofia da linguagem e da análise do discurso francesa por acreditarmos que eles dão conta das perspectivas textuais que aparecem no discurso que a escritora projeta para o ser escritor. Além disso, o tratamento

real por meio de uma construção simbólica produzida essencialmente nas condições socioculturais em que cada indivíduo ou um grupo de indivíduos se insere. A escritora da literatura infanto-juvenil através de suas palavras mostra como estas funcionam como signos em uma atividade essencialmente simbólica e discursiva. Chartier (1990), em seus estudos, relaciona práticas e representações. Segundo esse autor, a percepção do social não gera discursos neutros, mas discursos que produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) tendentes a impor autoridade à custa de outros fatores menosprezados por ela, legitimando uma concepção de mundo social com valores. No caso dessas imagens que propomos para o discurso de Machado, assim como Chartier propõe ao trabalhar com o conceito de representação, entendemos que elas têm “por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 1990, p. 17).

⁶Michel Foucault (2000) defende que descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que “ele diz”, “quis dizer” ou “disse sem querer”, mas em determinar qual é a posição discursiva que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser o sujeito das operações de significação que os enunciados viriam manifestar na superfície do discurso.

que Bakhtin confere à linguagem, segundo Brait & Melo (2005), tem como pressuposto inicial as noções de enunciado/enunciação, que desempenham papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano. Justamente por esse teórico, a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social, que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos. Bakhtin, à medida que elabora uma teoria enunciativa-discursiva da linguagem, propõe, em diferentes momentos, reflexões acerca de enunciado/enunciação, de sua estreita vinculação com signo ideológico, palavra, comunicação, interação, gêneros discursivos, texto, tema e significação, discurso, discurso verbal, polifonia, dialogismo, ato/atividade/evento e demais elementos constitutivos do processo enunciativo-discursivo.

Portanto, para este artigo, traremos um conjunto de excertos que podem ser encontrados, de acordo com sua respectiva citação, em um dos três livros de autoria de Machado: *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, *Esta força estranha – trajetória de uma autora* e *Texturas – sobre leituras e escritos* ou no site pessoal da escritora. É importante mencionarmos que para melhor entendimento, distribuímos os excertos nas quatro posições discursivas que foram mais recorrentes durante a pesquisa. Além disso, vale a pena alertarmos que, para este artigo, apresentaremos apenas uma mostra bem reduzida do que foi analisado em toda pesquisa⁷. Desta forma, pretendemos mostrar na produção de Ana Maria Machado alguns dos elementos que essa escritora, de grande penetração hoje, sobretudo no universo escolar, coloca em circulação sobre a figura do escritor.

3. Análise e resultados

3.1. Ana Maria Machado como leitora

Por meio do enunciado autobiográfico que selecionamos para esse artigo, podemos verificar quais são as posições discursivas que a escritora ocupa ao nos contar sobre sua trajetória de leitura, desde os primeiros anos de sua vida:

Não sei direito com que idade eu estava, mas era bem pequena. Mal tinha altura bastante para poder apoiar o queixo em cima da escrivaninha de meu pai. Diante dele sentado escrevendo, eu vinha pelo outro lado, levantava os braços até a altura dos ombros, pousava as mãos uma por cima da outra no tampo da mesa, erguia de leve o pescoço e apoiava a cabeça sobre elas. (...)

Só que no meio do caminho tinha outra coisa. Bem diante dos meus olhos, na beirada da mesa. Uma pequena escultura de bronze, esverdeada e pesada, numa base de pedra preta e lustrosa. Dois cavalos. (...)

– O da frente se chama Dom Quixote. O outro, Sancho Pança.

(...)

Em seguida, eu quis saber onde eles moravam. (...)

– É na Espanha, muito longe daqui – disse meu pai.

(...)

– Mas também moram aqui pertinho, quer ver? Dentro de um livro.

Levantou-se, foi até a estante, pegou um livro grandalhão, sentou-se numa poltrona e me mostrou. Lá estavam várias figuras dos dois, em preto-e-branco (MACHADO, 2002, pp. 7-8).

Ao projetar-se pelo e no discurso, Ana Maria Machado seleciona aspectos que configuram a apresentação da escritora que, mesmo antes de ter

⁷O corpus da pesquisa é composto por quarenta e sete enunciados.

aprendido a ler, já convivia com livros e leitores. Machado mostra-se uma leitora precoce, interessada por aquilo que o universo letrado, no qual estava inserida, tem a lhe oferecer. Ela não descreve um ambiente qualquer. Trata-se do escritório de seu pai, que tinha a escrita como objeto de trabalho. A escritora podia contar com um pai presente e que fazia uso da escrita como ofício, além de nos apresentar um pai com quem podia dialogar.

Ana Maria Machado tinha tudo isso e muito mais: o contato com objetos da cultura clássica burguesa, a escultura de bronze de Dom Quixote e Sancho Pança, e a possibilidade de saber que a história dos dois estava registrada em um livro, saber quem eram, o que fizeram etc. Podemos afirmar que são características que projetam alguém muito especial, que se preparou, desde muito jovem, para desempenhar uma função muito especial e que o acesso a tudo isso e muito mais, desde muito cedo, livros, viagens, bibliotecas, esculturas, contribuiu para ser quem é hoje.

Enfim, mostra-se alguém que sempre esteve muito ligada às tradições da cultura letrada burguesa.

Em outra situação, notamos que Machado destaca aspectos que projetam alguém que teve uma formação muito especial:

Não lembro da alfabetização. Lembro que para a festa de fim de ano, pouco antes de eu fazer cinco anos, Dona Jurema distribuiu um bilhete para a gente levar para os pais, e nele dizia a minha mãe que devia mandar papel crepom de alguma cor que eu não lembro, para fazerem minha fantasia de dália, porque o teatrinho ia ser sobre um jardim e eu fazia papel de flor. Eu li e não gostei, não queria aquela cor, queria amarela e reclamei. Ela levou um susto. Como é que eu sabia o que estava escrito? Ainda por cima, manuscrito... Recolheu o bilhete e mandou outro, convocando minha mãe para uma conversa no colégio.

Mamãe veio e levou outro susto. Também não sabia que eu estava lendo fluente. (...)

Mamãe jurou que não tinha culpa. As duas então me testaram e descobriram que eu lia tudo. Moral da história: fui premiada com a fantasia amarela, como eu queria. Em seguida, no meu aniversário de cinco anos, ganhei meu primeiro Almanaque do Tico-Tico e o livro fundador, que marcaria minha vida para sempre, Reinações de Narizinho (MACHADO, 1996, p. 17).

A escritora não economiza nos detalhes para mencionar que aprendeu a ler sozinha, quase que secretamente, sem o auxílio dos adultos e sem o uso da cartilha; foi leitora fluente desde muito cedo; pôde contar com uma mãe que a acompanhou durante sua formação escolar; ganhou livros no aniversário. Machado, ao nos contar sua história de leitura destaca acontecimentos que estiveram presentes na vida de alguém que deu muito certo em tudo. No enunciado acima, ela prioriza a alfabetização como algo natural e fácil, sem traumas. Processo tão banal, tão corriqueiro – acontecido quase que “como um milagre”, “sem querer”, “sem marcas profundas” – que “não se lembra” como, quando e onde aconteceu. A imagem da menina autodidata, presente no excerto, destaca-se em oposição à de outros leitores mirins que, quando adultos, nos narram como foi trabalhoso o processo de aquisição da leitura.

Sabemos a respeito da sua autonomia enquanto aprendiz das primeiras letras, da sua auto-suficiência que assustava os adultos, do seu sucesso em tudo que fazia, inclusive no processo de alfabetização.

A escritora não nos revela detalhes sobre seu processo de alfabetização. Utiliza-se do recurso do silenciamento e emprega outro discurso no lugar. Esse outro projeta a imagem de alguém que confere prioridade à

inserção do leitor em um universo culto e letrado, por meio da iniciação no mundo da escrita em um contexto familiar, assim como aconteceu com ela sua trajetória de formação enquanto menina. Aderindo a essa noção, podemos dizer que, ao invés de narrar algumas frustrações, os problemas, as dificuldades, as angústias, Machado escolhe traços que estão ligados a outro tipo de formação: a que foi feita com base no letramento. Nessa enunciação, a escritora projeta que é possível ser alfabetizada em um ambiente repleto de livros, que permite o acesso a bens culturais, que não sejam a cartilha, livrinhos com histórias quaisquer, o método da silabação. Em seu contexto não havia motivo para ter medo de praticar o erro e ser punida, quando lia em voz alta, podia ouvir histórias, realizar a leitura sem considerá-la como algo difícil, quase impossível. Ao invés de narrar momentos desagradáveis, difíceis, presentes na alfabetização, ela propõe pelo seu discurso a posição de alguém comprometida com a noção de letramento. O que ela apagou de seu discurso foi a noção de que a alfabetização é algo ruim. Em sua história, o letramento lhe possibilitou ser alguém mais feliz e bem sucedida naquilo que faz.

3.2. Ana Maria Machado e o escrever sempre – trajetória do escritor-aprendiz

Machado emprega em seu discurso a idéia de que sua trajetória na prática da escrita foi importante para quem ela é hoje. Ela projeta a história de alguém que por ter sido leitora desde muito jovem, também começou a escrever muito cedo. Atividade que por ter dado certo, pôde ser praticada ininterruptamente:

(...) Lia o que meu avô me dava, o que meu pai me indicava, o que minha mãe estava lendo, o que meus amigos emprestavam. E escrevia. Redações na escola toda semana. Um artigo sobre pesca artesanal em Manguinhos para uma revista de folclore, que meu tio levou para publicar sem ninguém identificar que fora escrito por uma menina. Cartas para meu avô, meus primos, meus amigos. E cartinhas de amor adolescente. Numas férias arrumei um namorado em Vitória, o mais lindo e cobiçado da turma. Durante todo um ano, foi uma troca de cartas esperadíssimas – e minha palavra tinha que ser suficientemente sedutora para fazer com que aquele gato não me esquecesse e suspirasse pela minha volta. Alguém quer melhor motivação para a escrita? No ano seguinte, outros gatos, em outros cenários, faziam parte do grêmio do colégio – em pouco tempo eu era redatora do jornalzinho escolar, fazendo várias seções diferentes em estilos diversos. Ainda não inventaram melhor oficina da palavra (MACHADO, 2001(b), pp. 188-189).

A escritora apresenta-se a partir de traços que caracterizam alguém com uma história de formação bastante diferente, uma vez que teve incentivo à leitura de todas as pessoas que a conheciam. Ela praticou a escrita de gêneros diferentes – redação escolar, artigo para revista, cartas familiares e amorosas, jornal escolar – e em ambientes diversos – na escola, em revista de folclore, no círculo familiar, no grêmio escolar. Além disso, o que nos conta mostra alguém preparada a partir de aspectos que fazem parte de uma tendência que começou a ser estudada com mais cuidado na segunda metade dos anos 80 e configurou o que especialistas da área de Educação e das Ciências da Linguagem passaram a denominar de letramento⁸.

⁸Processo que, de acordo com o PCN de Língua Portuguesa (1997), “é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e

É interessante verificar também que dentre os vários pontos defendidos pelos estudiosos do letramento um, em especial, foi muito marcante na trajetória de formação do processo de escrita de Machado: a escrita de gêneros textuais variados, em contextos diversos. Conforme propostas dos Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa (1997) para formar escritores⁹ competentes, “supõe-se, portanto, uma prática continuada de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos de fato e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos” (*Parâmetros curriculares nacionais - língua portuguesa*, 1997, p. 68).

Além disso, não podemos deixar de mencionar o aspecto relevante que Machado confere a respeito de o domínio da linguagem escrita estar relacionado com o hábito da leitura. Através desse posicionamento, Machado reproduz o que os *Parâmetros curriculares nacionais - língua portuguesa* defendem:

Quando se pretende formar escritores competentes, é preciso também oferecer condições de os alunos criarem seus próprios textos e de avaliarem o percurso criador. Evidentemente, isso só se torna possível se tiverem constituído um amplo repertório de modelos, que lhes permita recriar, criar, recriar as próprias citações. É importante que nunca se perca de vista que não há como criar do nada: é preciso ter boas referências. Por isso, formar bons escritores depende não só de uma prática continuada de produção de textos, mas de uma prática constante de leitura (*Parâmetros curriculares nacionais - língua portuguesa*, 1997, pp. 76-77).

O que podemos afirmar é que tais traços propoem alguém muito especial, que se preparou através de aspectos presentes no letramento e que circulam nos enunciados do imaginário social posto em nossa sociedade. Machado reproduz esse discurso e o considera legítimo, uma vez que seu processo de formação, feito por essa tendência, deu certo e contribuiu para a formação de quem é hoje.

3.3. Ana Maria Machado como profissional das Letras

Machado, em outras situações, projeta-se no papel da escritora comprometida e mobilizada pelas questões de seu tempo e diz como isso acabou aparecendo em seu texto. Ela se apresenta como a escritora movida pelos contextos social e histórico de uma época bastante difícil para muitos escritores da literatura nacional e conta como os leitores daquela época foram influenciados pela produção de uma geração de escritores:

(...) foi justamente a partir do AI-5 que houve o chamado boom da literatura infantil brasileira, com o aparecimento da revista Recreio, onde escrevíamos Joel, Ruth Rocha e eu, e também com a publicação das primeiras obras de Ziraldo, Lygia Bojunga, João Carlos Marinho, Edy Lima (todas entre dezembro de 1968 e o fim de 1969), e ainda com o nascimento da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. E não se pode negar que nós escrevíamos sobre tudo. Não nos autocensurávamos nem evitávamos tema algum. Falamos do

tecnológico. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes, não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever” (p. 23).

⁹Não se trata, evidentemente, de formar escritores no sentido de profissionais da escrita e sim de pessoas capazes de escrever, redigir com eficácia.

autoritarismo, da luta armada, de prisões e maus-tratos, da censura, do exílio, da discriminação, das migrações urbanas, dos meninos de rua, das desigualdades, das injustiças, até mesmo da mais-valia. Não que fizéssemos obras panfletárias, mas falávamos do que nos mobilizava de modo profundo. Ou, segundo a fórmula de Camus, não púnhamos nossa arte a serviço da ideologia, mas como cidadãos estávamos tão mobilizados nas questões de nosso tempo que tudo isso, inevitavelmente, aparecia no que escrevíamos.

Poucas obras são tão emblemáticas desse período quanto a tetralogia dos reis, de Ruth Rocha, com seu Reizinho mandão, seu Rei que não sabia de nada, seu rei que não conseguia enxergar os pequenos – monarcas poderosos e autoritários, mas sujeitos a ouvir de uma menina a frase de enfrentamento: “Cala a boca já morreu, quem manda na minha boca sou eu!” Esses reis viviam em livros que não eram censurados oficialmente, mas viviam tendo problemas em um ou outro colégio, pois eram perfeitamente entendidos pelos leitores. Tanto assim que muito tempo depois, em 1992, estávamos Ruth e eu, às vésperas de um 7 de setembro, autografando livros na Bienal de São Paulo, quando entrou um grupo de jovens com as caras pintadas chamando para uma passeata pelo impeachment do Collor. Quando nos viram, nos cercaram, entre exclamações alegres, fazendo piada: “A culpa é de vocês duas! Viram só no que deu?” E uma menina dizia para mim: “Eu li Era uma vez um tirano e aprendi”.. Outra dizia para Ruth: “Viu como a gente está sabendo mandar o reizinho calar a boca?” (MACHADO, 2001(b), p. 82).

Machado propõe-nos que sua criação literária não se resume ao ato de escrever. Ela, como qualquer artista da palavra, não cria, não inventa do nada, mas dentro de condições históricas, sociais, econômicas, políticas e ideológicas nas quais tanto ela quanto seu material de trabalho estão inseridos. Nesse caso, movida pelos acontecimentos e pelas condições de produção da ditadura militar, Machado mobilizou-se como cidadã contra as idéias do aparelho repressor da época, escreveu seus livros e ajudou a formar o entendimento e a consciência política de uma geração.

Por outro lado, não podemos deixar de mencionar que, nos anos 60, o país expressa uma imagem de modernismo em expansão com o desenvolvimento da indústria brasileira, reforçada por investimentos estrangeiros e pela lei de desenvolvimento de pequenos pólos no país, alinhado com o mundo capitalista e dependendo econômica e ideologicamente dele. Meio ao rumo tomado pelo Brasil, sob a ditadura militar, multiplicam-se as instituições voltadas para a Literatura Infantil Brasileira com uma quantidade notória de títulos infantis; surgem a Fundação Livro Escolar (1966) e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968).

Machado não nos conta, mas a literatura infantil, inserida como mercadoria a ser produzida e vendida em um mercado que cresce junto com o desenvolvimento acelerado da economia do país, permanece reduzida a uma situação de produção e reprodução de obras, de acordo com aquilo que o mercado exige. O “nos mobilizava de modo profundo” que Machado enuncia vem marcado muito mais pelo mercado, não dos pequenos leitores, mas sim dos que se colocam entre a criança e o livro, no caso a família, a escola, o Estado. Machado, mais adiante, deixa pistas – “livros que não eram censurados oficialmente, mas viviam tendo problemas em um ou outro colégio” – que mostram que tais livros eram difundidos na escola, instituição regulamentada segundo as diretrizes do governo ditatorial. Ou seja, possivelmente esses livros não eram tão “subversivos assim”, uma vez que não foram “censurados oficialmente” pela escola para a formação de leitores, quer no momento de sua adoção, quer embalados em uma literatura que apregoa

aos quatro ventos a necessidade de nos tornarmos um país leitor. País leitor, jovem ainda naquela época, país que estava formando leitores críticos e capazes de exigir seus direitos, leitores em formação.

Além disso, é interessante notar para o fato de Machado e sua, na época, cunhada Ruth Rocha, com seus reis que estavam em livros, terem contribuído para formar uma geração, duas décadas depois, mais participativa, que leu e entendeu o que elas tinham escrito. Além disso, as duas ajudaram a formar uma geração de leitores que, futuramente, participariam ativamente de um acontecimento político de repercussão nacional, a destituição do presidente do país, por terem compreendido que podiam fazer valer sua opinião, desde que estivessem unidos pela mesma causa.

Apesar dos aspectos de formação, não podemos perder de vista que, na época da ditadura militar, a Literatura Infantil se beneficiou da legislação para promover a leitura nas escolas, uma vez que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação determina que todas as escolas adotem a leitura de autores brasileiros. Por isso o chamado *boom* da literatura infantil brasileira que Machado menciona, uma vez que o mercado escolar força a aumentar a procura pelos livros brasileiros, uma indústria cultural alimentada por edições de livros cujo objetivo é atrair cada vez mais não leitores e leitores, é claro.

3.4. Ana Maria Machado em seu processo de escrita

Escrevo o tempo todo, não só quando estou diante do papel ou do computador – esse é só o momento final, em que as palavras saem de mim e tomam forma exterior. A minha criação é assim, um processo meio milagroso, que a gente não sabe de onde vem nem como se desenrola. Procuro merecer, estar pronta, criar condições. Essas condições passam por trabalho e disciplina. Em geral, escrevo todo dia, sempre de manhã, quanto mais cedo melhor. Sem interrupções de fora. E com possibilidade de uma vista agradável, quando levanto os olhos da página (MACHADO, 2001(a), p. 1).

Nesse enunciado produzido por Machado, percebemos que a escrita toma quase todo o tempo da escritora: “todo dia”, “escrevo o tempo todo”. Tempo que se materializa por meio de um ritual, pois ela precisa de material (“papel”, “computador”), de um momento (“sempre de manhã”, “quanto mais cedo melhor”) e de um local que seja agradável (“sem interrupções de fora”, “uma vista agradável”).

Embora exista o ritual que nos é apresentado, seu processo de criação literária está vinculado a duas situações aparentemente opostas, mas já inscritas em concepções “tradicionais”, isto é, estabilizadas socialmente. Em primeiro lugar, há a afirmação de que a escrita é tida como um projeto milagroso. E como não se costuma pensar que milagres ocorrem o tempo todo e com qualquer um, tal afirmação permite supor que, sendo algo de natureza milagrosa, a escrita é mesmo destinada a poucos, talvez somente os escolhidos consigam realizá-la. Em segundo lugar, a escritora associa a escrita a um fazer trabalhoso, que exige dedicação e muita disciplina por parte do escritor. Este, de escolhido para o milagre, passa a ser o disciplinado.

O processo de escrita está configurado e dito a partir de concepções que estão inscritas nos discursos que circulam pelo mundo e que Ana Maria Machado, sendo sujeito deste mundo, passa a desdobrar em seu próprio discurso. Ou seja, ela projeta que o escritor pode ser tanto representante de uma escrita divina, baseada na inspiração, quanto o do trabalho árduo feito

pelo método da pesquisa, pela prática da escrita e da reescrita e pelo atributo da disciplina diária.

4. Referência Bibliográfica

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth & MELO, Rosineide de. “Enunciado/enunciado concreto/enunciação”. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 61-78.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1994.

_____. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, 1990.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. L. F. Baeta. 6ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Alpiarça: Vega, 2001.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. São Paulo: Editora Objetiva, 2002.

_____. *Esta força estranha – trajetória de uma autora*. São Paulo: Atual, 1996.

_____. Site pessoal: www.anamariamachado.com.br
Lançamento em setembro de 2001(a).

_____. *Texturas – sobre leituras e escritos*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001(b).

Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.